



## **Uma análise qualitativa da cobertura jornalística da morte de Michael Jackson realizada por revistas brasileiras e portuguesas<sup>1</sup>**

Maria Erica de Oliveira Lima<sup>2</sup>  
Flávia Pessoa Serafim<sup>3</sup>

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN

### **Resumo**

Há cerca de dois anos falecia Michael Jackson, artista que ficou mundialmente conhecido como o Rei do Pop. Sua morte foi um acontecimento significativo no campo jornalístico e, dessa forma, gerou várias coberturas em diversos veículos. O objetivo desse trabalho, portanto, é analisar a cobertura desse acontecimento realizada por revistas semanais de informação generalista de dois países lusófonos: Brasil e Portugal. Pretende-se, aqui, fazer uma análise comparativa, com o intuito de detectar diferenças e semelhanças nas coberturas realizadas por órgãos jornalísticos desses dois países. Foram trabalhadas as edições de três revistas brasileiras (Veja, IstoÉ e Época) e três portuguesas (Sábado, Focus e Visão), as quais tiveram sua publicação na semana da morte do artista.

### **Palavras-chave**

Jornalismo de revista; cobertura jornalística; Michael Jackson; Brasil e Portugal.

### **1. Introdução**

É sabido, no campo dos estudos jornalísticos, que atualidade, morte, negatividade e referência a pessoas de elite funcionam como critérios de noticiabilidade, ou valores-notícia. Esses critérios têm sido reconhecidos como tal há anos e, de acordo com alguns estudiosos, isso se deve ao fato de que as qualidades das notícias enquanto tal vêm variando pouco no decorrer da História. O ser humano, pelo visto, interessa-se pelas mesmas coisas, apesar do passar dos anos. Mas o que seriam exatamente critérios de noticiabilidade? Em seu livro *Teoria do Jornalismo* Felipe Pena os caracteriza da seguinte forma:

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Divisão Temática de Jornalismo, da Intercom Júnior – VI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social da UFRN, email: [merical@uol.com.br](mailto:merical@uol.com.br)

<sup>3</sup> Estudante de Graduação. 9º semestre do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da UFRN, email: [flaviapserafim@gmail.com](mailto:flaviapserafim@gmail.com)



[...] posso dizer que ela é um conjunto de critérios, operações e instrumentos para escolher entre inúmeros fatos uma quantidade limitada de notícias. [...] Sua aplicação baseia-se nos valores-notícia, que são os tais critérios e operações usados para definir quais acontecimentos são significativos e interessantes para serem transformados em notícia (PENA, 2008, p. 130-131).

Agora que já sabemos o que o termo quer dizer, é interessante deixar claro que os critérios mencionados anteriormente não são os únicos existentes. Outros são referidos por Galtung e Ruge (GALTUNG; RUGE, 1962, apud SOUSA, 2004 p. 1), e mencionados por Sousa em seu artigo *Fábrica de heróis* (SOUSA, 2004). Dentre estes outros critérios temos: a personalização, a negatividade, o inesperado, a clareza quanto ao significado, a consonância com enquadramentos anteriores, a referência a nações de elite, o conflito, a controvérsia e a amplitude (o número de pessoas afetadas, por exemplo) (SOUSA, 2004). Vários outros existem ainda, contudo, entrar em detalhes sobre este assunto não é do interesse deste artigo.

Os valores-notícia têm grande importância para o jornalismo, uma vez que contribuem para que o jornalista hierarquize os acontecimentos em função da sua importância, norteando o processo de seleção dos acontecimentos. Apesar da quantidade de valores-notícia e de sua importância, no entanto, eles não são imperativos. Para Sousa,

[...] os critérios de noticiabilidade foram inculcados na cultura jornalística a partir de uma matriz organizacional, social, ideológica, cultural e histórica, dependendo igualmente de fatores pessoais, físicos e tecnológicos (SOUSA, 2004, p. 2).

Por isso, há sempre espaço para a ação pessoal do jornalista. Isso leva Sousa a crer que os critérios de noticiabilidade são múltiplos e se entrecruzam, o que causa, aos estudiosos, dificuldade na sua definição.

Em consonância com o enquadramento teórico acima explicitado, percebe-se que a morte de Michael Jackson, cantor, dançarino e compositor norte-americano de grande sucesso, apresenta várias características que permitiram a sua eleição à categoria de notícia: a) atualidade; b) negatividade do ocorrido; c) morte; d) referência a pessoas e nações de elite; e) clareza de significado; f) consonância com um enquadramento recorrente para mortes de ídolos (como John Lennon, Elvis Presley etc); g) permite a personificação e dramatização das notícias; h) chama atenção para a conflitualidade e as polêmicas que cercaram a vida do cantor.



Os critérios de noticiabilidade são importantes na medida em que auxiliam na compreensão dos enquadramentos que são dados aos acontecimentos, quando estes se tornam notícias. Mas como podemos definir enquadramentos?

Danilo Rothberg, em seu artigo *Enquadramento e metodologia da crítica de mídia* (ROTHBERG, 2007), diz que enquadramentos são marcos interpretativos gerais construídos socialmente que permitem às pessoas fazerem sentido dos eventos, situações e acontecimentos sociais. Para o autor, enquadramentos são construídos por meio de procedimentos como seleção, ênfase ou exclusão de determinados aspectos e informações, sendo que tais procedimentos compõem perspectivas gerais através das quais os fatos e acontecimentos são dados a conhecer. Rothberg faz ainda, em seu artigo, alusão ao conceito de enquadramento vislumbrado por Ganson e Modigliani. Segundo esses estudiosos, enquadramentos são “pacotes interpretativos que conferem sentido a um assunto. Tais pacotes são capazes de construir significados ao longo do tempo, incorporando novos eventos aos seus enquadramentos interpretativos”. (GAMSON; MODIGLIANI, 1989 apud ROTHBERG, 2007, p. 3). De acordo com essa ótica, os enquadramentos não devem ser confundidos com posicionamentos contra ou a favor a alguma medida política.

Em seu artigo acerca do atentado que vitimou o diplomata brasileiro Sérgio Vieira de Mello (SOUSA, 2004), Sousa também tece observações a respeito de enquadramento, apoiando-se nas ideias e teorias de outros estudiosos. Sousa afirma que Tuchman acredita na contribuição dos enquadramentos para a construção de sentidos para a realidade social (TUCHMAN, 1976 apud SOUSA, 2004, p. 43). Ganson, por sua vez, afirma ser o enquadramento uma ideia central que organiza e dá sentido aos acontecimentos, sugerindo “o que está em causa” (GAMSON, 1989 apud SOUSA, 2004, p. 43). Já Traquina explica que os enquadramentos são sugeridos por metáforas, exemplos históricos, frases feitas, imagens e descrições, acontecendo, por vezes, de notícias recentes encaixarem-se em enquadramentos antigos (TRAQUINA, 2002 apud SOUSA, 2004, p. 43).

Tendo em mente o que até agora foi exposto, o presente artigo tem como objetivo analisar a maneira como as principais revistas semanais de informação generalista de Portugal e Brasil reagiram à morte do ídolo internacional Michael Jackson, tentando identificar semelhanças e diferenças nas coberturas.

É importante destacarmos que, visto estarmos tratando da morte de uma celebridade, consultamos textos acadêmicos sobre a temática para embasarem nossa pesquisa.



Dentre eles o artigo *A morte imaginada* de Barbosa (2004) foi de significativa contribuição para o presente trabalho. Neste texto, Barbosa trata da morte midiática, ou seja, o falecimento daqueles personagens tipificados pela mídia como notáveis e cujo acontecimento é sabido pela população através dos meios de comunicação de massa, com especial destaque à televisão. Embora Barbosa tenha dado destaque à TV, suas observações são úteis ao caso aqui estudado e algumas características desse tipo de morte apontadas por essa estudiosa vão aparecer no decorrer deste trabalho. Este, por sua vez, constitui-se em uma análise qualitativa do discurso, cujo objetivo é comparar as coberturas realizadas pelos veículos comunicacionais aqui tratados.

## **2. Análise qualitativa**

### **2.1 Primeiras páginas (política editorial de vitrina)**

Das revistas analisadas, quatro trazem a morte de Michael Jackson em destaque na sua primeira página: *Veja*, *IstoÉ*, *Época* e *Sábado*. A portuguesa *Focus* traz uma chamada de sete centímetros de altura e oito de largura no canto superior direito da folha, enquanto a *Visão* não faz qualquer menção ao ocorrido.

Daquelas que anunciam a morte do cantor na página um, vemos que a *Veja* dedica todo o espaço à morte de Jackson. Já a *Época* traz uma tira superior mencionando três assuntos da atualidade. Na *IstoÉ*, afora um pequeno círculo que anuncia um fascículo gratuito, a capa também é dedicada ao cantor. A *Sábado*, por sua vez, assemelha-se à *Época*, pois dedica uma pequena tira na parte superior da página a dois assuntos da atualidade, enquanto o restante da folha fica reservado a Michael Jackson.

*Focus* e *Visão* dão preferência, em suas capas, ao que chamamos de temas *soft*. A *Focus* apresenta a chamada *25 razões para se sentir mais feliz*, enquanto a *Visão* traz uma reportagem com Miguel Sousa Tavares, um escritor lusitano. De acordo com Sousa e Oliveira, a escolha de temas mais leves por parte de revistas semanais pode ser justificada da seguinte maneira: tais publicações fazem uso desse tipo de temática para seduzir o leitor, proporcionando uma leitura mais descontraída do que os jornais diários (SOUSA; LIMA, 2005, p. 26-27).

Das quatro revistas que deram maior destaque à Jackson, três escolheram colocar apenas uma fotografia do artista na capa: *Veja*, *Época* e *Sábado*. A *IstoÉ* fez uso de quatro imagens do cantor, as quais foram colocadas ao centro da página, lado a lado. A



capa de *Veja* merece destaque, pois, ao invés de retratar o artista, traz uma imagem da famosa luva do cantor. Infere-se, dessa forma, que, ao não colocar a imagem do dançarino na primeira página, a revista faz uma alusão à ausência de Jackson, a qual ocorre devido à sua morte, no entanto, ele é lembrado por meio de um objeto que o simboliza. A luva aparece em um fundo preto, cor que remete ao luto. A *IstoÉ* também faz uso dessa cor. As demais revistas escolhem fotos que remetem à trajetória de Jackson e, dessa forma, vemos uma corroboração da ideia de Barbosa, segundo a qual há uma tendência na mídia de se lembrar a trajetória de vida da celebridade morta (BARBOSA, 2004). Nesse sentido a capa de *IstoÉ* é mais significativa, uma vez que coloca fotos de fases distintas da carreira do cantor, numa espécie de recordação dos momentos de sua vida.

É interessante observarmos que das quatro revistas cujas capas são dedicadas a Jackson, três apresentam economia de palavras. A *Veja* é a mais econômica delas, limitando-se apenas a trazer o nome do artista e a data de seu nascimento e morte abaixo da luva que foi sua marca registrada por muitos anos. A *Época* traz as mesmas inscrições ao lado da foto de corpo todo de Jackson e, abaixo da foto, em letras miúdas, uma descrição contextualizando a imagem, informando ao leitor quando e por quem ela foi feita. Na revista *Sábado* vemos um pouco mais de palavras: no lado esquerdo da foto há uma espécie de anúncio, no qual se afirma que a edição deve ser guardada, pois é especial, uma vez que traz detalhes da vida de Jackson, tais como os mistérios, os espancamentos que ele sofreu na infância etc. São ao todo cinco linhas, sendo a primeira escrita em caracteres vermelhos e as demais em preto. No lado direito da foto, aparecem o nome do cantor e as datas de seu nascimento e morte, também em vermelho e preto, no entanto, os caracteres são demasiado pequenos. A *IstoÉ* é a única dessas publicações que concede significativo espaço às palavras: elas ocupam praticamente toda a metade inferior da página um. Vemos caracteres brancos em fundo preto e a chamada *As várias vidas de Michael Jackson*, estando o nome do artista em letras maiores do que o restante das palavras. Mais uma vez diferenciando-se das outras, não há menção às datas de nascimento e morte do cantor.

O fato de a maioria das revistas que dá destaque ao falecimento de Michael optar pela economia de palavras é explicada por Sousa e Lima. Os estudiosos afirmam que

[...] em situações de choque as palavras parecem ser insuficientes, pelo que os jornalistas necessitam de recorrer a todos os recursos



expressivos, verbais e imagísticos, para fazerem passar a mensagem e o respectivo enquadramento (SOUSA; LIMA, 2005, p. 28).

A morte de Jackson foi inesperada, uma vez que o cantor estava supostamente bem de saúde, preparando-se para uma grande turnê. Pode-se, portanto, dizer que seu falecimento foi uma situação de choque e justificar a escolha das capas das três revistas da maneira acima mencionada.

## 2.2 Intenção informativa e enquadramentos

Tendo feito uma análise das capas das revistas, passemos a discutir seu interior. É importante lembrarmos que as revistas procuraram informar sobre a morte e a vida de Jackson, o que também é uma maneira de enquadrar a história. Tendo isso em mente, achamos por bem fazer uso da seguinte afirmação de Sousa e Lima:

Relembrando, mais uma vez, o argumento de autoridade de Michael Schudson (2002: 43), o jornalismo que descarta a informação não tem condições para sobreviver. Para vincarem essa intenção informativa, as revistas citaram fontes, incluindo especialistas e, pontualmente, o próprio Jackson, descreveram cenários, narraram ações, fizeram análises, recordaram fatos históricos e outros de contexto (SOUSA, LIMA; 2005, p. 29)

A maioria das revistas aqui analisadas apresentaram textos predominantemente narrativos. As passagens analíticas também são dignas de nota. Os trechos narrativos tiveram o intuito, geralmente, de contar ao leitor sobre a morte do astro em si (o que corrobora com a intenção informativa acima mencionada). A narrativa também foi largamente usada para recontar a história de vida do artista, o que remete, mais uma vez, à teoria de Barbosa (2004), de acordo com a qual, há uma tendência na mídia de se rememorar a trajetória de uma celebridade morta.

Os trechos analíticos, por sua vez, foram utilizados majoritariamente para explicar o sucesso de Michael Jackson, bem como sua importância no mundo da música. Há, contudo, trechos em que se analisa as possíveis causas da morte do cantor, ou até os motivos que o levaram a ter problemas financeiros (ambos encontrados na revista *Sábado*).

É importante observarmos que a revista *Visão* apresentou uma reportagem bastante peculiar e diversa das demais. Embora houvesse análise e narrativa, o texto apresenta



grandes marcas de opinião. Há, inclusive, no meio da matéria, um artigo de opinião, o qual chega a se misturar com as páginas da reportagem. Sousa e Lima acreditam que essa grande presença da opinião, ao menos em alguns casos, pode vir a ser causada pela insuficiência da informação disponível nas redações. Tal insuficiência pode ser motivada “[...] pelas carências da rede de captura de informações que todos os órgãos de comunicação revelam” (SOUSA; LIMA, 2005, p. 33).

No quadro abaixo, temos exemplos de trechos analíticos, narrativos e opinativos, retirados de cada uma das revistas aqui trabalhadas.

### Quadro 1

#### Exemplos de excertos analíticos, narrativos e opinativos presentes nas revistas

Veja		
Narrativo	Analítico	Opinativo
O cantor foi socorrido na mansão alugada onde vivia em Los Angeles por volta das 12h20 da quinta-feira. Jackson havia recebido os primeiros cuidados de seu médico particular, Conrad Murray. Paramédicos o encontraram sem respiração e sem pulso. Levaram-no, em estado de coma, para o hospital da Universidade da Califórnia, a poucas quadras.	Nesses discos, o cantor talhou as linhas de baixo e bateria na medida para as pistas de dança: mas associou-as à vibração característica do rock’n’roll. Até mesmo as origens de um fenômeno social notável entre os jovens americanos, o dos adolescentes brancos que querem falar, dançar e agir como negros, podem ser traçadas diretamente à sua influência.	Hoje, não se encontra em lugar nenhum artista pop que não dance no palco à maneira de Jackson: como uma declaração criativa que avança por territórios e sentidos aos quais a letra e a melodia não chegaram. Mas essa foi apenas uma das revoluções de Jackson.
Visão		
Narrativo	Analítico	Opinativo
As homenagens multiplicaram-se agora, mundialmente, à mesma cadência com que se divulgam pormenores desta morte-espetáculo. No passeio da fama de Hollywood, mesmo à frente do mítico Chinese Theater, apólicia teve que organizar o fluxo dos transeuntes: uma fila para os que querem andar, outra para os que precisam de para algum tempo ao pé da estrela de Michael Jackson, gravada no chão.	A notícia de sua morte correu rápida em avisos de chegada de um SMS. Quando, no início dos anos 80, o vídeo Thriller invadia casas por todo o planeta (inaugurando uma nova era na linguagem entre imagens e música pop), uma ferramenta como o YouTube era pura ficção científica. É fácil prever que, entre estes dois mundos – o da rapidez instantânea com que se acompanha cada notícia relacionada com a sua morte e o do e do triunfo à custa da distribuição maciça da sua música e imagem com os métodos do século passado -, se tenha criado um dos maiores mitos da cultura pop contemporânea, comparável a todos e com um alcance difícil de adivinhar.	Não é preciso provar milagres nem abrir qualquer processo de beatificação. Michael Jackson é, oficialmente, ícone, mito, o novo “santo” da cultura pop
IstoÉ		
Narrativo	Analítico	Opinativo
Na noite de quarta-feira 24, Michael Jackson chegou três horas atrasado ao ginásio de esportes onde ensaiava	“Beat it”, por exemplo, que traz o guitarrista Eddie Van Halen, não é mais soul-funk, especialidade dos	Falar da revolução de Michael Jackson é falar de “moonwalk”, de “Billie Jean” e de “Thriller” porque



para a turnê que realizaria no próximo mês. [...] Em seus aposentos, ainda teria dançado e cantado antes de ir dormir. Estava motivado, mas tenso. Vivia a contagem regressiva de duas semanas para retornar aos palcos após 12 anos e queria recuperar o sucesso perdido.	músicos saídos da Motown. É rock. Essa canção abriu o pop para o cruzamento de ritmos, uma mestiçagem sonora que ainda está em processo. Isso explica por que o desaparecimento de Michael Jackson deixou o meio musical estarecido. Sem ele, a música ficou menor	com esses trabalhos de 1982 ele cravou seu nome definitivamente na história da música. E não apenas em relação a vendas, porque mesmo artistas medíocres vendem discos. Michael Jackson era um gênio da música porque, ao compor, a canção parecia entrar pelos seus ouvidos e chegar ao seu corpo – e o corpo só é plenamente feliz na dança.
<b>Sábado</b>		
<b>Narrativo</b>	<b>Analítico</b>	<b>Opinativo</b>
Na quarta-feira, 24 de junho, mostrou do que era capaz. Na sua última noite vivo, Michael Jackson dançou sem pausas. Desde criança que fazia o mesmo no quarto. Durante horas e horas, dançava até não poder mais, até perder o fôlego e cair pára o lado de exaustão. Foi assim que morreu.	[Não há excertos significativos que se encaixem no conteúdo especificado]	[Não há excertos significativos que se encaixem no conteúdo especificado]
<b>Época</b>		
<b>Narrativo</b>	<b>Analítico</b>	<b>Opinativo</b>
A morte de Michael Jackson foi confirmada oficialmente na tarde de quinta-feira 25, no Centro Médico da universidade da Califórnia em Lo Angeles (UCLA), aonde chegou em coma depois de uma parada cardíaca sofrida em uma mansão alugada no bairro de Bel Air. Imediatamente, multidões saíram espontaneamente às ruas no mundo inteiro para reverenciar o ídolo máximo do pop.	Para conquistar centenas de milhões de admiradores, Michael Jackson esteve à frente de três acontecimentos fora do comum. Primeiro, simbolizou as mudanças sociais ocorridas nos Estados Unidos e no mundo nas últimas cinco décadas. Afirmou o lugar de destaque dos artistas negros, fez moda e alterou o comportamento da juventude. Em segundo lugar, no plano comercial, atuou como peça fundamental para a transformação da indústria da música e do entretenimento em um negócio gigantesco. Com seus passos inventados, os espetáculos superproduzidos, sua vocação para o videoclipe e para entender o que as pessoas queriam ouvir, ele instaurou a era dos superastros – no que foi seguido por Madona, Prince e... os outros. Por fim, sua contribuição artística se revelou tão poderosa que hoje quase toda a música pop de sucesso é devedora de suas invenções.	Michael Jackson passou de anjo a monstro, mas a história deverá lhe dar o status de gênio, um artista conturbado e sincero cujas confissões nunca foram levadas a sério.
<b>Focus</b>		
<b>Narrativo</b>	<b>Analítico</b>	<b>Opinativo</b>
O artista faleceu na quinta-feira, com 50 anos de idade, às 14h26 de Los Angeles (22h26 em Lisboa), devido a uma paragem cardíaca. O cantor estava em casa, no bairro de Bel Air, na companhia do seu médico pessoal, quando se sentiu mal. Muitos minutos depois, entrava em coma profundo e era levado para o hospital da Universidade de Los Angeles, Califórnia. Os médicos ainda tentaram reanimar Michael Jackson durante uma hora, mas nada conseguiram fazer para salvar o	Os passos de dança únicos – entre eles o famoso moonwalking – foram também a imagem de marca de Michael Jackson. Cada passo do cantor estava carregado de ritmo e estilo. Muitos dos seus movimentos são, ainda hoje, estudados em escolas de dança por todo o Mundo.	O mais recente foi o dos seus presumíveis abusos sexuais a crianças. Alegadamente, o cantor dormia com jovens rapazes na sua própria cama.



artista.		
----------	--	--

No que se refere aos enquadramentos, percebe-se que, predominantemente, optou-se por retratar Michael Jackson como um gênio perturbado. As revistas, em sua maioria, escolheram narrar a história do cantor e revelar seus dois lados: o brilhante e o atormentado. Essa escolha de enquadramento pode ser evidenciada por meio dos títulos das reportagens: *As várias vidas de Michael Jackson (IstoÉ)*; *O gênio atormentado (Época)*; *Uma lenda, envolta em mistério, dentro de um enigma (Veja)*; *O misterioso fim de um ídolo (Sábado)*; *Tornar-se imortal e depois... morrer (Visão)*; *O adeus do Rei da Pop (Focus)*. Vemos, nesses títulos, palavras que remetem tanto ao brilhantismo de Michael quanto aos mistérios e problemas que cercavam sua vida privada. Há casos em que um aspecto ou outro são salientados: *Visão* remete somente ao seu brilhantismo, por meio da ideia de imortalidade, assim como a *Focus*, que anuncia apenas a partida do *Rei da música Pop*. Mesmo essas revistas, no entanto, trazem em suas matérias informações sobre ambos os lados da vida do artista.

De acordo com Sousa e Lima (2005) é comum que os jornalistas recuperem velhos enquadramentos para as histórias, ao enquadrarem novos acontecimentos. Esse fenômeno ocorre também na cobertura da morte de Michael Jackson. Ao falar do falecimento do cantor, as revistas aqui trabalhadas fizeram alusão à morte de outros artistas famosos, tais como John Lennon e Kurt Cobain. Além disso, percebe-se esse fenômeno também ao se tratar da importância de Jackson para o mundo musical: seu trabalho e seu legado foram comparados ao de outros artistas, como Sinatra e Presley.

A revista *Sábado* compara a morte de Jackson à de Elvis Presley e o faz através do depoimento de Lisa Marie Presley, filha do último. Já a *Focus* compara o falecimento de Jackson ao de Anna Nicole Smith, uma *playmate* que faleceu em 2007 por overdose. *Visão*, por sua vez, remete ao mesmo enquadramento antigo em dois momentos distintos: na matéria, o jornalista afirma que Michael tornou-se um mito da cultura pop contemporânea, comparável a Lady Di, Marilyn Monroe e Elvis Presley; no artigo de opinião que figura junto à reportagem, o qual é assinado por Valter Hugo Mãe, a morte do cantor é comparada à de Kurt Cobain e Amália Rodrigues, dessa vez no que se refere ao valor sentimental atribuído ao falecimento de Jackson pelo autor do artigo. A *Veja* também compara Michael a três outros grandes nomes da música americana, resgatando o enquadramento de fenômeno musical: Frank Sinatra e Elvis Presley. Já a *Época* compara Jackson a Lennon e Presley, tanto no que se refere ao sucesso quanto ao



falecimento. A *IstoÉ*, por fim, dedica uma matéria de uma página ao resgate do enquadramento *morte precoce de celebridades*. Nela, a revista menciona artistas como Jim Morrisom, Jimi Hendrix e Janis Joplin, tenta relacionar o falecimento de todos esses ídolos e faz uma tentativa de explicar o que leva pessoas com vidas tidas como perfeitas a uma morte turbulenta ou adiantada.

Outra forma de analisar os enquadramentos propostos aos leitores é através da observação de excertos significativos dos textos e, mais minuciosamente, de determinadas palavras. Pensando assim, construímos o quadro 2, no qual estão expostos alguns dos excertos de texto e palavras que contribuíram com a construção de sentido para os acontecimentos, nas revistas aqui analisadas. Foram analisados os seguintes quesitos: palavras utilizadas para classificar Michael Jackson; as formas usadas para classificação do acontecimento (morte do cantor); as descrições do cenário da morte do artista, as quais revelam de maneira indireta a forma como os jornalistas veem o assunto e propõem que este seja visto.

**Quadro 2**  
**Expressões usadas para enquadrar o acontecimento (não exaustivo)**

<i>Veja</i>	<i>Visão</i>
<b>Classificação de Michael Jackson</b>	<b>Classificação de Michael Jackson</b>
Lenda, ídolo, inventor da música pop, extravagante, ícone, personificação das deformações que a fama é capaz de imprimir, artista virtuoso, ser humano perturbado, revolucionário, inacessível, esquisitices e demandas, exemplo de Soft Power, primeiro grande ídolo mirim da música, talentoso, recluso, artista curioso e vivo, bizarro, aberrante e patético, esquisitíssima, ambígua e desequilibrada figura, recluso, calado e solitário, excêntrico, estranho, artista precoce.	Imortal, ícone, mito, o novo santo da cultura pop, talento óbvio, sorriso e energia em palco, superestrela, frágil, um dos maiores mitos da cultura pop contemporânea, autoproclamado rei da pop, vulnerável, imprudente, herói genuíno, perdera a espontaneidade, excêntrico, maluco, único, irrepetível, gerador de um sem número de histórias nunca ouvidas.
<b>Classificação do acontecimento</b>	<b>Classificação do acontecimento</b>
Comoção global, ele [Michael] renasceu, [Michael] escapou dessa pelo sono eterno.	[Não há excertos significativos que se encaixem no conteúdo especificado]
<b>O cenário</b>	<b>O cenário</b>
O cantor foi socorrido na mansão alugada onde vivia em Los Angeles por volta das 12h20 da quinta-feira. Jackson havia recebido os primeiros cuidados de seu médico particular, Conrad Murray. Paramédicos o encontraram sem respiração e sem pulso. Levaram-no, em estado de coma, para o hospital da Universidade da Califórnia, a poucas quadras. Mal havia chegado e a notícia de sua morte iminente – finalmente declarada às 14h26 – já causava comoção global.	[Não há excertos significativos que se encaixem no conteúdo especificado]
<i>Isto É</i>	<i>Sábado</i>
<b>Classificação de Michael Jackson</b>	<b>Classificação de Michael Jackson</b>
O encanto, o fenômeno, o mito, o enigma, ídolo mutante talento que fulminou o mundo, astro, maluco, misterioso, porção mais genial, o menino que não teve infância, revolucionário, precioso, perfeccionista.	Ídolo, Enérgico, otimista, bizarro, concentrado, uma estrela a custa do cinto.
<b>Classificação do acontecimento</b>	<b>Classificação do acontecimento</b>



[Não há excertos que se encaixem no conteúdo especificado]	[Não há excertos que se encaixem no conteúdo especificado]
<b>O cenário</b>	<b>O cenário</b>
<p>A imagem da dor estava estampada em fães inconsoláveis, abraçados ou atônitos na porta do hospital. Foi de helicóptero que o corpo do cantor deixou o prédio rumo ao Instituto Médico Legal de Los Angeles, para a realização da autópsia, na sexta-feira 26.</p> <p>O médico tentou reanimá-lo com respiração boca-a-boca e massagem cardíaca. A partir daí, foi tudo muito rápido. Os empregados da casa também se uniram aos esforços para reanimá-lo e um deles ligou, às 12h21, para 911, número do serviço de emergência do país. Estava nervoso e pediu uma ambulância.</p> <p>Michael Jackson estava na cama e não respirava, apesar das manobras realizadas pelo médico e pelos funcionários da casa. Em nova tentativa para reanimá-lo, seguindo as orientações recebidas pelo telefone, o ídolo pop foi colocado no chão a fim de ser submetido a novas massagens cardíacas sem correr o risco de lesões na coluna. Os paramédicos chegaram à casa do cantor em minutos. /queriam declarar a morte imediatamente, segundo o site TMZ, mas o médico do artista teria pedido novas tentativas. [...]. Às 13h07, deixaram a mansão rumo ao hospital Ronald Reagan da Universidade da Califórnia. Seis minutos depois, o corpo do artista era retirado da ambulância e levado para a emergência.</p>	<p>“This is it. A frase, escrita em letras gigantescas, ilumina um cenário impressionante. Os dançarinos estão nas suas posições. A música está alta. E Michael Jackson dança sem parar, nos ensaios para os concertos de Londres, a menos de um mês de distância, que servirão para o seu regresso.”</p>

<i>Época</i>	<i>Focus</i>
<b>Classificação de Michael Jackson</b>	<b>Classificação de Michael Jackson</b>
Gênio atormentado, rei do pop, líder revolucionário da música pop, fundador da era do videoclipe, defensor de causas sociais, maior vendedor de discos de todos os tempos, ícone do pop, marcas de carisma, mistério, de cadência e morte, artista mais popular do planeta, passou de anjo a monstro, conturbado, sincero, ídolo máximo do pop, visionário social.	Rei da pop, estrela, estrela mundial, talentoso, excêntrico, marco na história do século XX.
<b>Classificação do acontecimento</b>	<b>Classificação do acontecimento</b>
Choque de proporções mundiais, comoção mundial.	[Não há excertos que se encaixem no conteúdo especificado]
<b>O cenário</b>	<b>O cenário</b>
A morte de Michael Jackson foi confirmada oficialmente na tarde de quinta-feira 25, no Centro Médico da universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA), aonde chegou em coma depois de uma parada cardíaca sofrida em uma mansão alugada no bairro de Bel Air. Imediatamente, multidões saíram espontaneamente às ruas no mundo inteiro para reverenciar o ídolo máximo do pop.	O cantor estava em casa, no bairro de Bel Air, na companhia do seu médico pessoal, quando se sentiu mal. Muitos minutos depois, entrava em coma profundo e era levado para o hospital da Universidade de Los Angeles, Califórnia.

O quadro demonstra semelhanças no que se refere aos enquadramentos. Vemos duas propostas de enquadramento principais. Na primeira, percebemos que os jornalistas tratam a figura de Jackson de forma dual: tanto o caracterizam como gênio quanto como louco. Na segunda, percebemos que há uma tendência a mostrar a comoção popular causada pela morte do artista, o impacto que a perda do ídolo causou nos fãs. Mesmo quando essa tendência não aparece no quadro (como é o caso de *Focus*, e *Visão*), ela



aparece em outras partes do texto. Apenas a *Sábado* não faz uso desse enquadramento, abstendo-se de mencionar qualquer reação dos fãs de Jackson à morte do artista. Seguem abaixo exemplos de trechos de *Focus* e *Visão*, os quais não apareceram no quadro acima por não se encaixarem nos quesitos nele inclusos, mas que, mesmo assim, servem para atestar o enquadramento usado por estas revistas:

O momento em que chega a notícia da morte do autoproclamado rei da pop ajuda à comoção de muitos milhares de pessoas, nos cinco continentes – Gary Taylor, líder de uma das maiores comunidades on-line de admiradores de Jackson, anunciou mesmo, no início desta semana, que 12 fãs se teriam suicidado por não conseguirem lidar com a perda de seu ídolo. (VISÃO, 2009, p. 04)

Muitas foram as vigílias que se foram sucedendo ao longo das horas seguintes à morte do ídolo. Milhares de pessoas reuniram-se junto à sua casa e perto do hospital onde o artista faleceu (FOCUS 2009, p. 111)

É interessante observarmos que esse enquadramento vai de encontro à teoria de Morin, no que se refere aos mitos midiáticos. Em seu livro *As estrelas* Morin percebe que a sociedade atual estabeleceu um culto ao redor das celebridades da mesma forma que os gregos cultuavam os deuses do Olimpo. Para o estudioso, Hollywood passa a ser o novo Olimpo (devemos observar que a análise de Morin tem seu foco nas estrelas de cinema) e a celebração dos fãs aos seus ídolos assume, às vezes, o caráter quase religioso (MORIN, 1989, apud DEMARIA, 2009, p. 7). Ao observarmos que as revistas descrevem fãs de Jackson fazendo peregrinações aos locais que marcaram sua vida, bem como deixando objetos que o homenageiam em tais localidades, percebemos uma correspondência com a ideia de Morin: a ida dos fãs a esses locais seria equivalente ao culto, enquanto os objetos deixados poderiam ser comparados às oferendas. Podemos, ainda, afirmar que a descrição da reação dos fãs nesse sentido sugere o enquadramento de mitificação de Michael Jackson. Quando se menciona sua imortalidade (como faz *Visão* logo em seu título), vemos novamente a recorrência deste enquadramento.

### **2.3. As fotografias**

A análise das fotografias se faz importante na medida em que

Fazendo-nos testemunhas indirectas (sic) dos acontecimentos, facultando-nos o *direito a ver* (sic), gozando de um elevado potencial



de credibilidade e constituindo um dos factores (sic) identitários da imprensa, as fotografias jornalísticas contribuem para dar sentido ao mundo (MACLEAR, 1999; SOUSA, 2000 b; ZELIZER, 2002; TUBERGEN e MASHMAN, 1974 apud SOUSA; LIMA, 2004, p. 61).

Percebe-se, então, que, para se explicitar as tendências discursivas da cobertura do falecimento de Jackson e o sentido global do enunciado, é necessário levarmos em consideração as imagens fotográficas que figuram nas revistas, bem como seu enquadramento.

As fotografias presentes nas revistas que analisamos apresentam as seguintes temáticas mais frequentes: socorro e morte; relacionamentos pessoais do cantor; luto dos fãs; família Jackson; cirurgias; trabalho em seu auge (canto e dança); amigos famosos; escândalos. Percebe-se que as revistas aqui estudadas deram prioridade às imagens de Jackson trabalhando, quer cantando ou dançando.

É interessante observarmos que imagens do corpo do cantor não aparecem em nenhuma das revistas. Isso se deve ao fato de as reportagens terem sido publicadas à época em que o cadáver ainda estava aguardando a autópsia e, portanto, não havia sido liberado para o velório. De acordo com Barbosa (2004), no entanto, a imagem do corpo sem vida não costuma aparecer na mídia, a qual, no máximo, ocupa-se de retratar o serviço fúnebre. Fotografias do astro inconsciente, sendo levado ao hospital, embora marquem presença nas páginas de algumas das revistas, não são muito numerosas. Há predominância das fotos de Michael no auge de sua carreira. De registrar que ele foi o personagem mais presente nas fotos de todas as revistas, como era de se esperar. Outros personagens que apareceram com frequência nas reportagens foram: fãs, família e amigos.

### **3. Conclusões**

As análises realizadas nos permitiram chegar às seguintes conclusões:

- a) Das revistas analisadas, quatro deram grande importância informativa à morte de Michael Jackson (*Veja*, *IstoÉ*, *Época* e *Sábado*), enquanto duas não se dedicaram tanto à cobertura desse acontecimento (*Focus* e *Visão*). Percebe-se, no entanto, que o fator nacionalidade não pode ser tido como motivo para essa diferença, uma vez que a revista *Sábado* é lusitana e encontra-se no primeiro



grupo. Provavelmente, essa diferenciação se deve a circunstâncias mercadológicas.

- b) Foi possível a percepção de dois enquadramentos predominantes, os quais se mostraram presentes em todas as revistas aqui analisadas. O primeiro leva ao leitor a ideia de Michael Jackson enquanto ser dual, um artista brilhante e um ser humano atormentado. A outra opção de enquadramento aparece como uma tendência a mostrar a comoção popular causada pela morte do artista, o impacto que a perda do ídolo causou nos fãs. Esse enquadramento, como dito anteriormente, corrobora com as ideias de Morin no que se refere aos "olimpianos". Percebe-se, ainda, que a retomada de antigos enquadramentos foi recorrente. Todas as revistas compararam o caso de Michael Jackson ao de outros artistas, tanto devido ao talento e ao legado deixado, quanto à morte (seja por ter sido precoce, súbita e inesperada, ou envolta em mistérios).
- c) As fotografias reforçam os enquadramentos, uma vez que mostram imagens do ator no auge da sua carreira (consolidando a ideia de mito, brilhantismo e imortalidade). Esse reforço também ocorre quando vemos imagens dos fãs lamentando a perda de seu ídolo, ou seja, dos fiéis prestando oferendas ao seu olimpiano. Devemos, no entanto discordar de Barbosa, quando ela diz que

[...] o morto é caracterizado como herói e com o qual há toda uma identificação. [...] Para o herói convém lembrar determinados aspectos de sua trajetória, o que significa também a negação outros tantos (BARBOSA, 2004, p. 4).

Isso porque nenhuma das revistas aqui estudada esqueceu ou negou os aspectos mais perturbadores da vida de Jackson. Ao contrário: tais aspectos foram lembrados e fizeram, inclusive, parte de uma proposta de enquadramento. Nos parece, no entanto, que houve uma suavização desses aspectos negativos, de maneira geral. Isso porque a maioria das revistas tentou explicar os comportamentos desequilibrados de Jackson, principalmente por meio de sua infância difícil.

### **Referências bibliográficas**

BARBOSA, Marialva. A morte imaginada: In **Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação Em Comunicação/Compós**, 13, 2004, São Bernardo do Campo.



PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

DEMARIA, Cíntia Oliveira. **A morte do personagem midiático**: Um estudo sobre Kurt Cobain na revista Rolling Stone Brasil, 15 anos após o seu suicídio. Disponível em: <<http://tigubarcelos.files.wordpress.com/2009/12/artigo-cobain-rolling-stone-1.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2011.

ÉPOCA. São Paulo: Globo, n. 580, 29 jun. 2009. Semanal.

FOCUS. Sintra: Impala, n. 507, 01 jul. 2009. Semanal.

ISTOÉ. São Paulo: Três, n. 2068, 01 jul. 2009. Semanal.

OLIVEIRA-CRUZ, Milena Carvalho. Morro, logo existo: a morte como acontecimento jornalístico. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 5, n. 1, p.149-159, 1 jan. 2008. Semestral.

ROTHBERG, Danilo. **Enquadramento e metodologia de crítica de mídia**. Aracaju (SE): CD V SBPJOR, nov/2007.

SÁBADO. Lisboa: Presselivre - Imprensa Livre, Sa, n. 270, 02 jul. 2009. Semanal.

SOUSA, J.P.A.S.. Fábrica de heróis - A reacção da imprensa portuguesa de referência ao atentado que provocou a morte de Sérgio Vieira de Mello. In: **Congresso Brasileiro De Ciências Da Comunicação**, 27. 2004. Porto Alegre. Anais... São Paulo: Intercom, 2004. CD-ROM.

SOUSA, Jorge Pedro de; LIMA, Maria Érica de Oliveira. O massacre dos inocentes: A reacção das newsmagazines portuguesas e brasileiras ao atentado contra a escola de Beslan. **Rastros**, Joinville, vol. 6, n. 6, out. 2005. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/rastros/article/viewFile/6024/5490>>. Acesso em: 01 mar. 2011.

SOUSA, Jorge Pedro. **Teorias da notícia e do jornalismo**. Chapecó: Argos, 2002.

VEJA. São Paulo: Abril, n. 2119, 01 jul. 2009. Semanal.

VISÃO. Paço de Arcos: Imprensa Publishing, n. 852, 02 jul. 2009. Semanal.